

SERMAO

DE ACC,AM DE GRAC,AS,
QUE PELA CONTINUAC,AM DAS MELHORIAS DA SAUDE
D'ELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR,
E pela exaltação da Villa do Carmo das Minas em Cidade Mariana
P R E G O U

O MUITO REVERENDO DOUTOR
JOZE' DE ANDRADA E MORAES

Na festa do Anjo Custodio do Reyno
COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO
a dezoito de Julho de 1745.
a qual celebrou

O SENADO DA MESMA CIDADE,
OFFERECIDO
A' SERENISSIMA MAGESTADE DO MESMO
REY DE PORTUGAL,

E dado á luz pelo PRESIDENTE, E SENADORES
do mesmo Senado.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impressor do Eminentis-
simo Senhor Cardeal Patriarca.

M. DCC. XLVI.
Com todas as licenças necessarias.

23

SERRAMA
O

DE ACCAM DE GRACAS
QUE PELA CONTINUACAM DAS MELHORIAS DA SAUDE

D'ELREY

D. JOAO V.

NOSSO SENHOR,

E pela exaltacão da Villa do Carmo das Minas em Cidade Mariana

PERGOU

O MUITO REVERENDO DOUTOR

JOSE DE ANDRADE E MORAES

No fests do Anjo Custodio do Reyno

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO

a desoto de Julho de 1745.

a qual celebrou

O SENADO DA MESMA CIDADE,

OFFERECIDO

A SERENISSIMA MAGESTADE DO MESMO

REY DE PORTUGAL,

E dado a luz pelo PRESIDENTE, E SENADORES

do mesmo Senado.

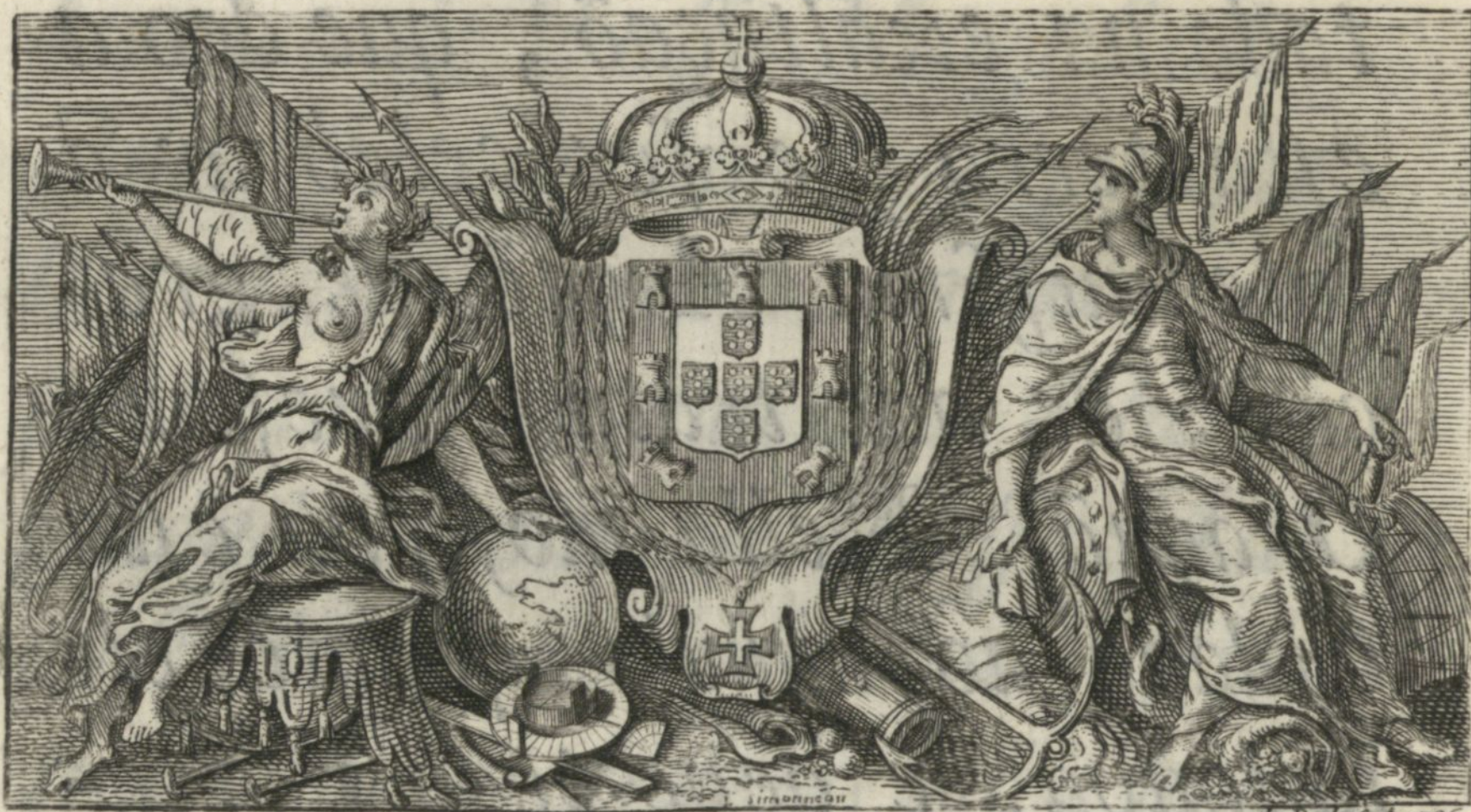


LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impressor do Eminentissimo Senhor Cardinal Patriarca.

M. DC. XLV.

Com todas as licenças necessarias.



ENHOR.

*Quiz este Senado mostrar
quanto deve a Vossa Mage-
tade*

tade na exaltação, que deo a
esta terra; e fez celebrar a
solemniſſima Acção de gra-
ças, de que trata a presente
Oração. Nella mostrou esta
Cidade ao mundo quanto el-
la louva, e deve todo Portu-
gal louvar a Deos pelas dese-
jadas, e felices melhorias da
saude de Vossa Magestade,
toda portentosa para louvor,
e culto do mesmo Deos, e
nella presenta a Vossa Ma-
gestade hum firme padraõ da
fidelidade deste povo, todo
leal, e invariavel no Real
ser-

serviço de Vossa Magestade.
Por estes motivos, e porque
lhe faltaõ outros meynos de
publicar a grandeza, e beni-
gnidade, com que Vossa Ma-
gestade só pelo seu augustis-
simo animo foy servido hon-
rar esta terra, offerece re-
verente o seu Senado aos
Reaes pés de Vossa Mage-
stade o presente discursão, que
dá á estampa; para que pro-
tegido o nosso humilde obse-
quio do serenissimo nome de
Vossa Magestade, possa ter
este povo nova gloria na Re-
gia

gia aceitação, que por tantos, e tão leaes affectos espera da Real clemencia de Vossa Magestade. Porque se Vossa Magestade se dignar de attendellos, a sua augusta soberania dará a esta terra o augmento, que ella se promette da exaltação, que Vossa Magestade agora lhe deo. Deos nos guarde, e conserve a Serenissima Pessoa de Vossa Magestade, para que nas suas gloriosas, e pias acçoens tenha o mundo, que admirar, e imitar em todos os
secu-

*seculos da sua duraçaõ. Em
Camara da Cidade Mariana
18. de Agosto de 1745.*

O Prefidente do Senado

Joze Caetano Galvaõ de Andrada.

Antonio Mendes da Costa.

Manoel Peixoto de Sampayo.

Francisco Paes de Oliveira.

João Ferreira Almada.

seculos da sua duração. Em
Camara da Cidade Mariana
18. de Agosto de 1747.

O Presidente do Senado
João Caetano Palvaõ de Andrade.

Antonio Mendes da Costa.
Manoel Peixoto de Saupayoa.
Francisco Paes de Oliveira.

João Ferreira Almeida.

Deos nos guarde, e con-
serve a Serenissima Pessoa de
Vossa Magestade, para que
sua gloriosa, e pia ac-
ção, tenha o mundo, que sub-
segue a todos os
seu-



LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçãõ do Muito Reverendo Padre Mestre Fr. Bernardo do Desterro, da sagrada Ordem dos Prégadores, Consultor do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO
SENHOR.

POr ordem de Vossa Eminencia vi o sermaõ de Acçaõ de graças, que na Cidade Mariana das Minas prégou o Muito Reverendo Doutor Jozé de Andrada e Moraes.

Foy feito, e prégado, como se diz, no breve espaço de tres dias, concorrendo as circumstancias de Acçaõ de graças pela melhora do nosso Magnanimo, e Augusto Monarca D. Joaõ o V. e a exaltaçaõ da Villa do Carmo á Cidade Mariana por merce do mesmo Soberano com a solemnidade do Anjo Custodio do Reyno. E todas estas diversas circumstancias se vem unidas neste sermaõ com tanta

B

pro-

propriedade, erudição, e eloquencia, com textos
tão bem applicados, e accommodados sem violen-
cia aos relevantes assumptos, que mostraõ ser gran-
de o talento, e singular o engenho de seu Auctor.
E porque não encontrey cousa alguma opposta á
nossa santa Fé, e bons costumes, merece por muitas
razoens a licença para se imprimir. Este o meu pa-
recer. Vossa Eminencia mandará o que for servido.
Convento de S. Domingos 18. de Fevereiro de 1746.

Fr. Bernardo do Desterro.

*Approvação do Muito Reverendo Padre Mestre Fr.
Thomaz de S. Jozé, Religioso da sagrada Or-
dem da Santissima Trindade, Consultor do San-
to Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

COm grande attenção, e gosto li por mandado
de Vossa Eminencia este sermaõ, que na nova
Cidade Mariana das Minas prégoü em Ac-
ção de graças pela sua gloriosa exaltação o Muito
Reverendo Doutor Jozé de Andrada e Moraes, e
me parece dignissimo de fahir á luz; porque além
de não ter cousa alguma contra a nossa santa Fé,
ou bons costumes, acho nelle muito que louvar;
porque neste panegyrico, como abbreviado mappa,
se admira o grande talento deste grande Orador,
que soube com assumpto tão proprio, com textos
tão bem applicados, e com discursos tão claros
ponderar, sem faltar a cousa alguma, todas as cir-
cunstancias da festa, e da solemnidade; mas que
muito

muito se para acção taõ regia , para festividade taõ solemne , e para circumstancias taõ relevantes só podia ferver para desempenho hum sujeito de circumstancias taõ distinctas , e de engenho taõ singular. Isto he o que me parece. Vossa Eminencia mandará o que for mais justo. Trindade de Lisboa 7. de Março de 1746.

Fr. Thomaz de S. Fozé.

V Ista as informaçoens , póde imprimirse o fermão , que se apresenta , e depois de impresso tornará para se conferir , e dar licença que corra , sem a qual não correrá. Lisboa 8. de Março de 1746.

*Fr. R. Alancastro. Sylva. Soares. Abreu.
Amaral. Almeida. Trigoso.*

DO ORDINARIO.

Approvaçãõ do Muito Reverendo Padre Mestre Fr. Fozé de Oliveira, Religioso da Santissima Trindade, &c.

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

V I, como Vossa Excellencia me manda, este fermão , que recitou o Muito Reverendo Doutor Jozé de Andrada e Moraes , e quer fazer imprimir Miguel Rodrigues , que o Auctor diz

fez em tres dias, confessando, e ainda que o não confessara, o confessaráo todos os que o lerem, lhe era necessario o desvelo de muitas noites, e applicação de muitos dias; porém eu digo, que ainda que se compoz em tres dias, teve desvelo de muitas noites, e applicação de muitos dias, porque se o Auçtor se não tivera applicado muitos dias, e desvelado muitas noites, não faria este sermaõ em tres dias.

Naõ foy Anjo, nem em sonhos, o que obrigou a este Jozé a recitar este sermaõ assim como a outro Jozé aquella retirada, mas he como de huma intelligencia Angelica este sermaõ. Discorrem os Anjos com velocidade instantanea, e com instantanea velocidade discorre o Auçtor deste sermaõ fazendo por estudo o que os Anjos por natureza, pois o estudo de muitos dias, e de muitas noites fez, que em tres dias se recitasse hum sermaõ, para que era necessario huma eternidade de estudos ainda em huma taõ alta comprehensãõ, como a que mostra o seu Auçtor; mas nem por isso deixa de parecer sonho este sermaõ.

Os sonhos são filhos dos cuidados, e quem cuidava tanto nos estudos, como deste sermaõ se prova, ainda quando dorme, estuda; só com esta differença, que o sonho he cuidado de quem dorme, o cuidado he sonho de quem vigia: quando dorme, sonha no que estudou de dia, quando acorda, cuida no que sonhou de noite, porém sempre como Jozé, e como Anjo: como Jozé na interpretação dos sonhos, como Anjo na velocidade dos discursos, e tudo com acerto, porque como intelligencia Angelica em tudo, sem a velocidade impedir o discurso; porque velocidade Angelica,
e on-

e onde ha tanto acerto no discorrer, não póde haver nada contra a nossa santa Fé, ou bons costumes.

Convento da Santissima Trindade de Lisboa
15. de Março de 1746.

Fr. Jozé de Oliveira.

Vista a informaçã, pódesse imprimir o sermaõ, de que se trata, e depois de impresso tornará conferido para se dar licença. Lisboa 15. de Março de 1746.

D. J. A. de Lacedemonia.

D O P A Ç O .

*Approvaçã do Muito Reverendo Padre Mestre Fr.
Jozé Troyano, da Congregaçã do Oratorio,
&c.*

S E N H O R .

NEsta oraçã gratulatoria, e panegyrica, que recitou o Doutor Jozé de Andrada e Moraes, se vê o jubilo, e alegria, com que a nova Cidade Mariana, pelo zelo, e lealdade de seus nobres Cameristas, festejou em huma solemne Acçã de graças as melhoras insperadas, com que Vossa Magestade, recobrado já do insulto passado,
fe

se vio restituído á sua perfeita saude. Ninguem póde estranhar aos vassallos de Vossa Magestade nos sinaes publicos de alegria o justo desafogo da sua pena, com que choravaõ as que Vossa Magestade padecia, quando na sua melhora insperada conceberaõ esperanças de huma mais larga vida. Tantos faõ os beneficios, com que Vossa Magestade honra a todos os seus vassallos, ainda aos que vivem mais remotos, que nestes sinaes publicos testimunhaõ, como pódem, com o seu agradecimento juntamente o seu amor; por isso a Cidade Mariana, vendose novamente obrigada, se mostra nesta Acção agradecida naõ só ao todo poderoso, por lhe conservar hum tal Monarca, taõ benefico, e taõ magnifico, mas tambem a quem a pode levantar de humilde Villa, que era, ao auge de Cidade Episcopal. O seu Orador se queixa do pouco tempo, que lhe deraõ, para huma taõ elevada empreza; porém onde ha muito, que dizer, naõ he necessario tempo para o considerar: e como em huma oraçaõ panegyrica naõ podia caber toda a materia, melhor foy cortar o tempo, porque por mais que se dilatasse o prazo, nem o Orador chegaria a desempenhar de todo o assumpto, nem mostraria tanto o seu talento, que taõ longe está de offender as regalias deste Reyno, que antes grandemente as ennobrece. Pelo que me parece esta obra muito digna da luz publica. Vossa Magestade mandará o que for de seu agrado. Lisboa, e Congregaçaõ do Oratorio 17. de Março de 1746.

Fozé Troyano.

Que

Que se possa imprimir, vistas as licenças do santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença, para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa 17. de Março de 1746.

Vas de Carvalho. Costa. Almeida. Carvalho.

Está confôrme com original. Convento de S. Domingos 19. de Março de 1746.

Fr. Bernardo do Desterro.

Visto estar confôrme com o original, póde correr. Lisboa 19. de Março de 1746.

*Fr. R. Alancastro. Sylva. Soares. Abreu.
Amaral. Almeida.*

Visto estar confôrme com o original, póde correr. Lisboa 21. de Março de 1746.

D. J. A. de Lacedemonia.

Que possa correr. Lisboa 21. de Março de 1746.

Vas de Carvalho. Costa. Almeida. Carvalho.

Que se possa imprimir, vellas as licenças do seu
to Officio e Ordinario, e depois de impellido
tomara a Mela para se conter, e taxar, e dar li-
cença, para que corra, que tem ella naõ con-
Lisboa 17. de Março de 1746.

Nas de Carvalho. Costa. Almeida. Carvalho.

Sei conforme com original. Convento de S. Do-
mingos 19. de Março de 1746.

F. Bernardino do Desterro.

Isto está conforme com o original, pôde cor-
rer. Lisboa 19. de Março de 1746.

F. R. Alencastro. Silva. Soares. Almeida.

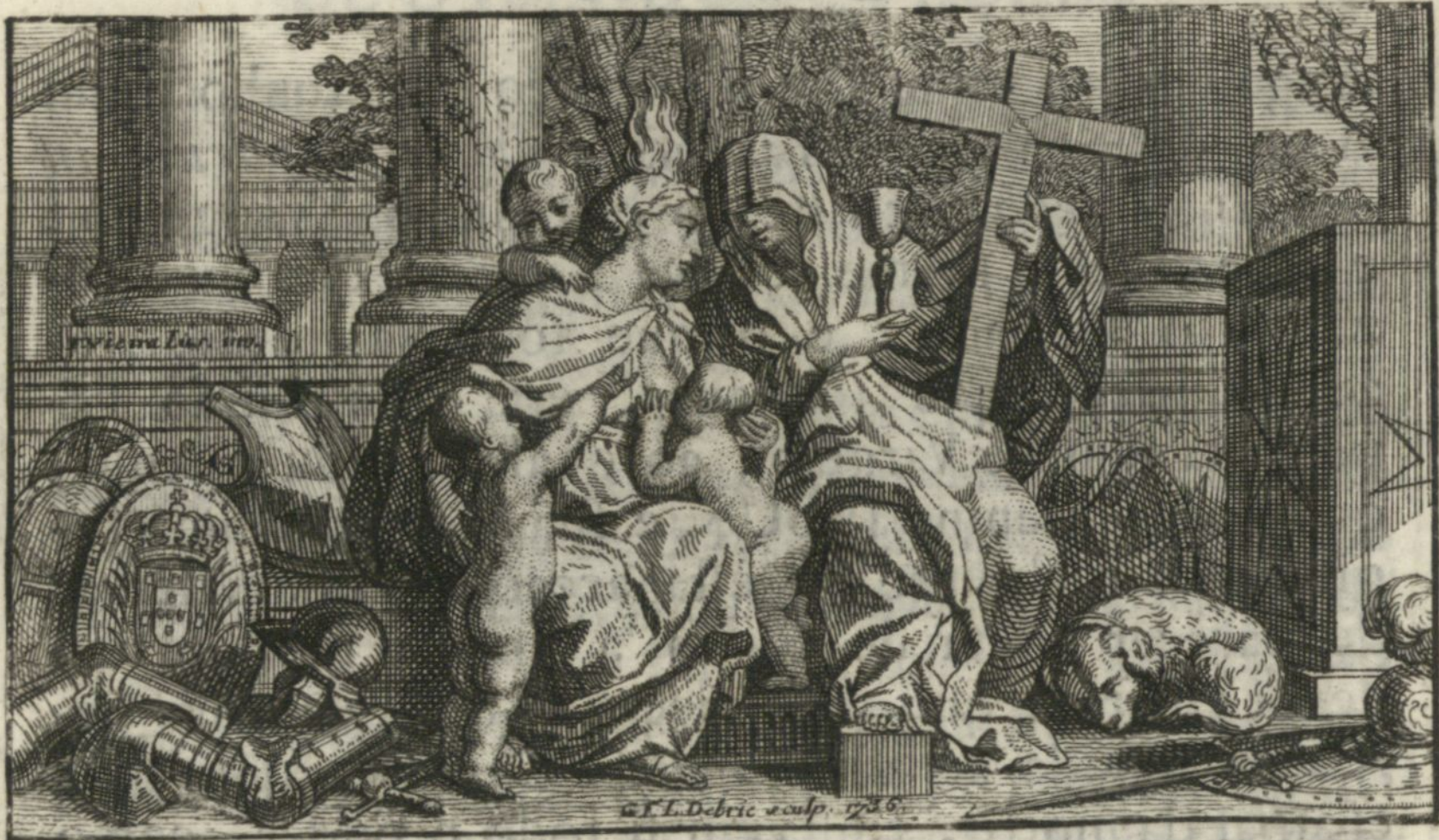
Isto está conforme com o original, pôde cor-
rer. Lisboa 21. de Março de 1746.

D. J. A. de Lacerdemonia.

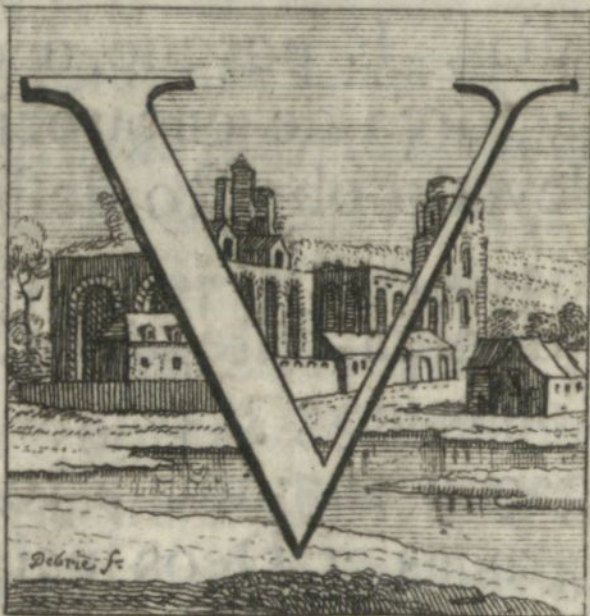
Que possa correr. Lisboa 21. de Março de 1746.

Nas de Carvalho. Costa. Almeida. Carvalho.

Que



*Angelus Domini apparuit in somnis Foseph ,
dicens : Surge , & accipe Puerum , &
Matrem ejus. Matth. 2. 13.*



VERDADEIRAMENTE,
que toda esta eximia felicida-
de, que celebramos com tan-
to alvorço, e jubilo de nos-
sos coraçõens, (Amoroso Se-
nhor sacramentado) Verda-
deiramente, que toda esta
eximia felicidade, que cele-
bramos com tanto alvorço,
e jubilo de nossos coraçõens,
parece sonho. Sonhou Jozé,
e foy o seu sonho taõ feliz, como
Ange-

Angelico, porque lhe appareceo no sonho hum Anjo do Senhor: *Angelus Domini apparuit in somnis Jofeph.* Isto he, o que diz o Evangelho: e eu não sey, se me resolva a dizer, que hum Jozé era o sonhado; e o que sonhava, outro Jozé. O Jozé, que sonhava, era o fantissimo Esposo da sempre Virgem, ao qual mandou o Anjo, que com o Menino JESUS, e sua Mãy purissima fugisse para o Egypto: e esta acção não podia deixar de parecer coutra de sonho a Jozé; porque não devia esperar, que fosse necessaria a fuga para defender a vida ao divino Rey Christo, que para escapar da morte, tinha em si todo o poder, como Deos. O Jozé sonhado sou eu; porque mandar-se-me, que no breve espaço de tres dias pondere as altas circumstancias deste magestoso, e gratulatorio culto, parece sonho, e sonho mais pezado, que o de S. Jozé; porque elle pode na mesma noite fazer o que se lhe mandava: *Acceptit Puerum, & Matrem ejus nocte, & secessit:* e o que se me encommendou a mim, pedia o desvelo de muitas noites, e a applicação de muitos dias. E porque não entendais, que isto em mim he força de encarecimento, eu vos proponho já o elevado objecto deste festivo applauso.

Matth. 2. 14.

Todos os Senados da Lusitania festejaõ neste dia o Anjo Custodio do nosso Reino; e o nosso illustre Senado, sobre esta obrigação commua a todos, particularmente dá hoje graças a Deos pela melhoria da saude do nosso Augusto Rey D. João V. que Deos guarde; e porque o mesmo soberano Monarca nos fez a merce de exaltar a Villa do Carmo a Cida-

de Acção de graças. 3

Cidade Mariana por Decreto firmado de sua Real mão, e lavrado em 23. de Abril do presente anno. E querer conieguir em tão breves dias a uniaõ de tão altas, e difficultosas circumstancias: querer das trevas do Egypto (ou das da minha ignorancia, que estaõ mais perto) tirar huma clara idea, que dê luz a tão distantes extremos: elle poderá ser verdade, mas eu sempre hey de dizer, que me parece cousa de sonho: *In somnis Joseph dicens.* E se não he isto, porque a afflicção tambem ministra especies ao entendimento, ou (o que he mais certo) porque Deos em apertos semelhantes assiste aos seus Ministros com o que haõ de dizer: entaõ he outra cousa muito differente, do que se podia imaginar. E qual será? He, que parece sonho o nosso mesmo assumpto; porque as felicidades, quando saõ excessivas, como as que hoje celebramos, parecem sonhadas, e não verdadeiras.

Ou senaõ dizey-me: Não parece sonho, que esta, que ha oito dias lamentavamos Villa decadente, e arruinada, a acclamemos hoje exaltada, e triunfante Cidade? Não parece sonho, que nesta exaltação da nossa Cidade nova se cante recuperada a faude do inclyto Rey, que choravamos perdida? E finalmente não parece sonho, que estas felicidades, que gratificamos a Deos, sendo tão distantes huma da outra, se germanem ambas para o applauso em dia do Anjo Custodio do nosso Reyno? Tudo parece sonho, assim he; mas nem tudo he, o que parece. Não he o nosso Ribeiraõ Cidade sonhada, he verdadeira Cidade; antes será a primeira, e a mais gloriosa Cidade de Portugal, e suas Conquistas a

Cidade Mariana. E porque? Porque nasce das ruínas, em que se lamentava o Carmo; porque nasce, quando recupera a faude perdida hum Rey taõ pio, e taõ grandioso, como o de Portugal; e porque se faz publica tanta felicidade entre os applausos do Anjo Tutelar da Lusitania. Esta he a gloria, e preeminencia da nossa nova, e leal Cidade Mariana, descrita no Evangelho da presente solemnidade com todas as circunstantias, que a fazem, naõ sey, se taõ difficultosa, como plausivel; e por isso será esta a empreza do meu discurso para mayor, e mais nobre motivo de louvarmos a Deos.

Senhor, sejais sempre louvado por tantos, e taõ altos beneficios, como estes, que de presente nos fazeis, e humildemente vos gratificamos. Grandeza he muito propria da vossa poderosa maõ a exaltação, que dais aos povos taõ humildes, e abatidos, como se achava este, que agora vos louva. *Humiles exaltati sunt.* Favor he só da vossa magestosa Onnipotencia a prodigiosa faude, que concedeis ao nosso Rey Augusto: *Das salutem Regibus.* E como estas saõ as estimaveis felicidades, que celebramos, por ellas vos damos infinitas graças, como quem vos reconhece por soberano Auctor de todo o bem, o qual só de vós póde nascer; porque só vós sois o verdadeiro Deos, e por Deos verdadeiro vos confessamos, vos adoramos, e vos louvamos: *Te Deum laudamus, te Dominum confitemur.* Naõ será este nosso decantado louvor sómente hodierno; ha de ser quotidiano: *Per singulos dies benedicimus te;* porque vos louvamos hoje com o Anjo Custodio, cujas sonoras vozes

com

Esth. II. II.

Psal. 143.
10.

Ex Hymn. SS.
Ambros. &
August.

Ibidem.

de Acção de graças. 5

com as dos mais coros Angelicos , e armoniosos sempre nunca cessaõ em vosso devido louvor : *Tibi omnes Angeli, tibi Cæli, & universæ Potestates. Tibi Cherubim, & Seraphim incessabili voce proclamant*. E já que em dia taõ natural para vossos eternos louvores nos faz a vossa infinita piedade participantes desta duplicada ventura : para-que tanta felicidade possa resultar em gloria vossa, assisti-nos sempre, Senhor, com a vossa graça.

AVE MARIA.

SO' debaixo dos felices auspicios da protecção benéfica de hum espirito taõ nobre, e de taõ alta jerarquia, como he o Santo Anjo Custodio de Portugal, podiamos alcançar as felicidades, que hoje applaudimos; podiamos de entre as ruinas do Carmo ver exaltada a Cidade Mariana, e cantar a saude do nosso Rey Augusto de entre as molestias, que o fizeraõ paralytico. Mas todas estas (que parecem incompativeis) circumstancias deviaõ, e haviaõ de concorrer hoje, para que se exaltasse a nossa nova Cidade, como primeira, e a mais gloriosa entre todas as de Portugal, e suas Conquistas. E porque? Porque o dia do Anjo Custodio he aquelle, em que se applaude, e publica a exaltação desta Cidade Mariana, levantada do Carmo cahido, e decahido, e creada por hum Rey, que recobrou a saude, que tinha perdida. Assim o propuz por empreza do presente discurso; e na verdade, que ainda naõ posso crer a felicidade, e a facilidade, com que Deos me ajudou em materia taõ ardua,

ardua para o dizer assim. Agora vejamos o que diz para tão relevante assumpto o Evangelho do dia; porque, se me não engano, ha de dizer o mesmo, que eu tenho dito.

Levanta-te (diz no Evangelho o celeste Parainfo a S. Jozé) levantate, ó sagrado Varaõ, toma o Filho, e a Mãe de Deos a teu cargo, leva-os em tua companhia, e fuge com elles para o Egypto: *Surge, & accipe Puerum, & Matrem ejus, & fuge in Ægyptum.* Fatal annuncio para o nascimento, ou creação da nossa Cidade feliz, se a sua felicidade, e exaltação se figura (como eu dizia) no Evangelho! He verdade, que os tres peregrinos do Egypto se levantaõ para se exaltarem nessa remota regiaõ, para onde caminhaõ; mas tambem não ha duvida, em que não permanecem na terra, onde estavaõ. E se este he o symbolo da nossa ventura; que importa, que a Cidade se crie, ou se levante? Que importa, que se exalte a Villa com o foral de Cidade: *Surge*, se tal vez he para não ser a Cidade permanente, como em outro sentido dizia S. Paulo: *Non enim habemus hic manentem Civitatem*; porque esta das Minas no enigma, que representa, só nasce, e se levanta para desapparecer, ou fugir: *Surge, & fuge?* Infausto horoscopo seria este contra a exaltação da nossa Cidade, se não fora mysteriosa a fuga no seu emblema; mas supposto o mysterio escondido na acção do divino Rey, que se exalta fugitivo: *Surge, & fuge*, tudo o que parece insubsistencia na figura, he o que mais conduz para a gloriosa permanencia, e preeminencia desta nova Cidade. Ora notay.

S. Jo-

de Acção de graças. 7

S. Jozé não fugio para o Egypto por amor de si, fugio por amor do Filho, e da Mãy de Deos, que levou comfigo. Porém agora mayor duvida. A Mãy não necessitava de fugir; porque a perseguição Herodiana não era contra as femeas, era contra os varoens: o Filho menos se devia valer da fuga para escapar á tyrannia daquelle Rey barbaro; porque o Menino era Deos, e o seu immenso poder o podia livrar por outro qualquer modo, que não fosse fugindo. Pois para que fogem, quando se levantaõ: *Surge, & fuge?* Para que fosse o caso do Evangelho hum enigma da nossa felicidade. Fugio Christo, sendo Deos, para mostrar, que tambem estava sujeito ás enfermidades da natureza de homem, que tomou, e unio a si o divino Verbo. Assim o revelou o mesmo Rey do Ceo a Santa Brigida, fallando deste mysterio, de que nós fallamos: *Quod autem fugi in Egyptum, in hoc infirmitas humanitatis meæ est.* Aquella acção (diz o celeste Monarca) de eu fugir para o Egypto foy necessaria, para que conhecesse o mundo a enfermidade da minha natureza humana. Grande caso! O divino Rey enfermo? Sim. Enfermou o Rey divino do temor de homem; e foy taõ perigosa a doença, que houve de custarlhe a vida, se não se retira de Galiléa, onde o havia de buscar Herodes para lhe dar a morte: *Futurum est enim, ut Herodes quærat puerum ad perdendum eum.* Escapou o Rey com vida, levantou-se, convaleceo da enfermidade; porque ha perigos, que sómente quem foge, os evita: *Surge, & fuge.* E (ó portentoso successo!) E ao mesmo tempo, em que o peregrino Rey triunfou da morte, e da doença, levantando-se

Psalm. 13. 6.

B. Brigit. lib. 5.
revelat. inter-
rog. 12.

Matth. 2. 13.

se saõ: *Surge*, mudou a terra, deixando a Nazareth, que era huma cidadella, ou villa, para ir habitar em Heliopolis, Cidade Metropolitana, ou Corte do Egypto: *Et fuge in Ægyptum, & esto ibi.* Mas não pára aqui o prodigio. Ouvi, como continua.

Naõ houve no Evangelho sómente o perigo da vida pela mortal enfermidade do divino Rey humanado, o livrar-se da morte por meyo da fuga, mudando a terra; mas até foy prodigioso o modo de a mudar. Porque? Porque nesta mudança de terra creou de novo o Rey divino huma Cidade Mariana. Naõ vos admireis do nome da Cidade, pois não podia ser outro. E qual será a razão? He, porque Mariana he o adjectivo de Maria, e Maria Santissima se exaltou, e levantou com Christo: *Surge, & accipe Puerum, & Matrem ejus*, para que servindo os ternos braços, e o purissimo collo da Mãy de abrigo, habitação, ou domicilio ao Menino daquella trabalhosa jornada, fosse a Santissima Virgem Maria a Cidade andante, ou semovente do divino Rey, e por isso Cidade Mariana naquella mudança de terra: *Maria* (diz S. Proclo) *est Civitas Regis magni, Christi scilicet, qui est Rex regum.* Assim se creou, e levantou Cidade no Evangelho a Mãy de Deos; attendei agora á sua mysteriosa exaltação. Exaltoute a nova Cidade Mariana repentinamente, e sem ninguem o esperar, com tanto esplendor, que antes que o Rey Eterno chegasse ao Graõ Cairo, já tinha em sua Mãy a brilhante Cidade do Sol, como chamaõ muitos a Heliopolis: *Heliopolis est Civitas Solis*; porque a santa Cidade Mariana, ou Maria, como Cidade

Div. Procl. de
laud. Virgin.
lib. II.

de Acção de graças. 9

dade celeste, povoada de radiantes luzes, he o mesmo Sol, que serve de dourado palacio a Christo: *In sole posuit tabernaculum suum.* Psalm. 18. 6.

Assim se exaltou a mystica Cidade Mariana, quando o Rey enfermo, como homem, se levantou para fugir do perigo, e escapar da morte: *Surge, & fuge, quod autem fugi, infirmitatis est.* Mas por beneficio de quem? De quem? Do Anjo Custodio, que advertio o damno a S. Jozé: *Futurum est enim ut Herodes quærat puerum ad perdendum eum,* para melhorar o Rey enfermo, e encher de novos esplendores a santissima Cidade Mariana: *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph.* Admiravel, e altissima felicidade! Vedes, como aquella inspirada ventura, que, por grande, e excessiva, á primeira face se julgava apparencia sonhada: *Apparuit in somnis,* bem examinada he verdade taõ constante, que tem o seu enigma no Evangelho? Eu pelo menos não sey, que das sombras da noite, que o Evangelista descreve: *Accepit Puerum, & Matrem ejus nocte,* podesse tirarse luz mais clara para os successos felices, que applaudimos. De sorte que construido, ou explicado o Evangelho em sentido mystico, e metaforico, tudo o que contem he: O Anjo Custodio publicando as vantajosas melhorias de hum Rey enfermo, e perigoso, e a exaltação de Maria como Cidade, ou da Cidade Mariana: e isto he cabalmente, o que nós celebramos com taõ jubilante estrondo neste felicissimo dia do Anjo Custodio de Portugal.

Oh leal, nobre, e felicissima Cidade Mariana! Quem dissera, que tinhas em taõ alto mysterio

terio o symbolo da tua gloria? Jazias prostrada no letargo das tuas culpas, mais que alagada das inundaçoens do teu Ribeiraõ: merecias (talvez) mais castigos, que premios: choravas sentida a enfermidade do teu Augusto Soberano, e quando parecia, que destes tristes successos se cortava o luto, de que te vestisses; daqui mesmo sahio a gala, com que hoje resplandeces, e tanto, que parece sonho a tua exaltação até na realidade do Evangelho: *Apparuit in somnis*. Na verdade, Catholicos, que são incomprehensiveis os juizos de Deos, e altissimos os favores, que o mesmo Senhor faz a esta terra. Quando o Carmo se achava proximo á sua ultima ruina, he que se levanta á mayor grandeza. Inundado o Carmo do seu Ribeiraõ, parece, que só devia erigir os padroens da sua infelicidade para gravar nelles o epitafio, que o Poeta escreveu de outra Cidade: *Campus, ubi Troia fuit*; mas o certo he, que agora se exalta a mayor grandeza. Em fim cuidavaõ muitos, que o Carmo por cahido, e decahido não poderia mais levantar a cabeça; e elle ao mesmo tempo se sublima a ser cabeça deste dourado Emporio da America. Esta he a acertada providencia de Deos contra os juizos errados dos homens, ou contra os discursos dos homens errados.

Nem podia deixar de ser assim, ó Carmo illustre, se se considerassem as perfeçoens, que te ennobrecem. Se tu es o primeiro enigma da perfeição na cabeça da esposa: *Caput tuum, ut Carmelus*; como não havias de fazer a primeira figura entre as povoaçoens das Minas, como cabeça, ou capital

Virgil.

Cant. 7. 5.

de Acção de graças. II

pital de todas? Se tu es como mais antiga, e mais nobre a que entre as quatro comarcas das Minas, o Ouro Preto, o Sabará, o Rio das Mortes, e o Serro do Frio, te levantas sobre todas quatro á maneira de aguia: *Facies aquilæ desuper ipsorum quatuor*; como não havias de renovarte ao tempo, em que estavas para acabar: *Renovabitur ut aquilæ juventus tua*? Se tu por leal sempre entre as mais terras desta Provincia foste unica, e por unica, amada do teu soberano Rey: *Una est columba mea, perfecta mea*; como das mesmas ruinas, em que acabavas, não havias de renascer Fenix para affombro das idades: *In nidulo meo moriar, & sicut palma: sicut Phœnix*, lê a versão Hebraica, *multiplicabo dies*? Pois, Carmo, se este era o enigma das tuas, e das nossas felicidades; por mais que estas pareçam sonhadas, saiba o mundo, que são verdadeiras. Decahiste da tua primitiva grandeza, ó Carmo excelso; e como eras Carmo cahido, por isso agora te levantas, e te exaltas a mayor fortuna.

Exaltate pois, levantate, ó Carmo feliz: *Surge*. Levantate, que assim to faz a saber hoje o Rey do Ceo pelo Anjo, a quem celebras: *Angelus Domini dicens: Surge*. Levantate: *Surge*, que assim to ordena o Augusto Rey da terra, e não outro Rey, senão aquelle mesmo, que informado da tua decadencia, te conhecia villa, ou cidadella, qual a de Nazareth, donde fugio Christo: *Fuge*, para que mudandote os accidentes, e não sey se tambem a substancia, te vejamos nova terra: *Vidi::: terram novam*, e te admiremos huma Cidade de tão novo esplendor, que sejas outra luzida Heliopolis, ou-

Ezech. 1. 10.

Pfalm. 102.5.

Cent. 6. 8.

Job. 29. 18.

Transl. ex Hebr. S. Pagnin.

Apoc. 21. 1.

tra flammante Cidade do Sol; pois es Mariana Cidade, ou Cidade de Maria serenissima, da santissima Virgem, e Senhora do Carmo, onde Deos habita, como em radiante palacio de luzes: *In sole posuit tabernaculum suum*. Celebra pois o teu inclyto Monarca livre do perigo da morte, e dá graças a Deos, porque o melhorou da sua enfermidade para te engrandecer, e fazerte mais nobre povoação, do que antes eras. Mas se estas tuas felicidades depois de terem taõ contrarias causas para as venturas, que cantas, se publicaõ com a protecção do Anjo Custodio, que hoje applaudes; quem te podia negar a gloria, e a soberania, com que te exaltas, tomando por titulo da tua grandeza a Maria Santissima, quando te crias, e te levantas Cidade Mariana: *Surge, & accipe Puerum, & Matrem ejus*? Tudo isto, que diz o Evangelho em sentidos taõ diversos, como eu tenho explicado, e mais alguma cousa das circumstancias, que ainda naõ temos dito, cuido, que está expresso ao pé da letra em hum lugar notavel da Escritura sagrada, que he mysteriosa figura da felicidade, com que se exalta a Cidade Mariana.

Enfermou ElRey Ezechias de huma doença taõ perigosa, que estava ás portas da morte; assim o disse o mesmo Rey enfermo: *Ego dixi: In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi*: taõ mortal era a doença, que prostrado o Monarca chegou a perder as esperanças da vida: *Dixi: Non videbo Dominum Deum in terra viventium*. Melhorou o Rey, levantouse da cama, e deo graças ao Altissimo pela saude, que lhe dera, confessandoo

Isai. 38. 10.

Ibid. vers. 11.

por

de Acção de graças. 13

por soberano Auctor do beneficio, que lhe agrade-
decia: *Vivens vivens ipse confitebitur tibi, sicut* Ibid. vers. 19.
& ego hodie: pater filiis notam faciet veritatem
tuam. E reparo eu muito, em que estando Eze-
chias nesta gratificação tão devoto para com Deos,
que confessava a fragilidade da propria natureza,
que reconhecia mortal, se mostre logo tão esque-
cido da devoção, que cuidando só em temporal-
dades, começou a edificar, e crear para si Cidades
famosas: *Et urbes edificavit sibi.* Valhame Deos, 2. Paralip. 32.
que admiravel, e estranho successo! Não he peque- 29.
na novidade, que hum Rey se lembre de Deos pa-
ra lhe gratificar beneficios, pois a soberania, que
ostentaõ na terra, talvez os faz esquecidos da infi-
nita magestade do Rey dos Ceos. Mas esta ingra-
tidaõ não cabia na piedade de Ezechias, que entre
todos os Reys de Israel foy com singularidade ze-
loso do culto de Deos, e humilde de espirito. Pois
se reconhece tanto a Deos para lhe agradecer a mer-
ce da saude, que lhe dera; como se esquece tanto
do prodigio, com que farou da enfermidade, que
deixando de sacrificar victimas em louvor de Deos,
passa a edificar Cidades para ostentação da propria
gloria: *Urbes edificavit sibi?* A razãõ he; porque
a creação das Cidades depois da molestia, e doen-
ça dos Reys pios, e Catholicos, como Ezechias,
não he vangloria dos Reys; he gloria, e louvor de
Deos, a quem querem gratificar os beneficios, que
lhes faz.

Dizia o Principe dos Oradores Latinos, que
não havia holocausto mais agradavel, sacrificio mais
aceito áquelle soberano Numen, que governa esta
maquina

Cicer. de somn.
Scipion.

maquina do Universo, do que edificar huma Cidade quem quer agradecer condignamente a Deos as merces, que lhe deve: *Nihil enim* (diz Cicero) *est illi Principi Deo, qui omnem hunc mundum regit, quod quidem in terris fiat acceptius, quam concilia, cætusque hominum jure sociari, quæ civitates appellantur.* A sentença he de hum Gentio, e haverá muitos Christaõs, que entendaõ, que só de hum Gentio podia ser tal sentença; porém não póde para a materia, que tratamos, haver pensamento mais pio para hum Principe Catholico. Olhai. Huma Cidade he huma sociedade de vontades iguaes, sujeitas por direito, obedientes, e subordinadas á justiça das leys, para que resulte desta uniaõ no que he justo huma paz, e concordia entre os seus habitantes. O material dos edificios, a soberba das torres, a sumptuosidade dos palacios, a fortaleza dos muros, a altura dos castellos, a grandeza das praças, e a formosura dos jardins não he o que constitue a sociedade dos homens, ainda que tudo conduza para ella: a justiça, e a paz são as virtudes, que fundão, e fazem permanecer huma perfeita Republica. E isto he huma cousa tanto do agrado de Deos, que quem quer agradecerlhe o mayor bem corporal, que he a restituiaõ da sau de, lhe edifica huma Cidade: *Nihil est illi :::: acceptius, quam concilia, cætusque hominum jure sociari, quæ civitates appellantur.* Por isso ElRey Ezechias edifica Cidades, quando gratifica a Deos as melhorias da sua doença: *Vivens vivens ipse confitebitur tibi, sicut & ego hodie: urbes edificavit.* Eu não sey, que possa haver caso mais identico com o nosso, que o do texto referi-

de Acção de graças. 15

ferido. O do texto he o alivio da enfermidade de hum Rey, a sua faude restituida, a creação de Cidades, e as graças dadas a Deos por tantos beneficios recebidos: e este he todo o nosso caso, só com a differença, que no do texto he o Rey de Israel, a quem succedem aquellas felicidades, e no nosso, he o Serenissimo Rey de Portugal, em quem se admiraõ tantas venturas. Mas ah sim, que o Anjo, em cujo dia se publica o nosso jubilo, ainda falta no typo de tantas fortunas, como applaudimos. Porém se reparais naquelle Anjo, que Deos mandou para proteger a Ezechias: *Misit Dominus Angelum suum*, haveis de confessar, que assim como debaixo da custodia daquelle Anjo recuperou o Rey de Israel a faude perdida, e edificou Cidades para augmentar o Reyno; assim ElRey de Portugal augmenta esta Conquista Americana, fazendo se patente a creação desta nova Cidade, e o beneficio da sua faude no dia do Anjo Custodio, de que trata o nosso Evangelho: *Angelus Domini apparuit.*

Agora já vos ha de parecer, que se desempenha vivamente a figura no figurado; mas ainda não está entendido todo o mysterio do emblema. Já dissemos, que não ha acção, com que tanto se gratifique a Deos hum beneficio, como he a creação de huma Cidade. Assim o fez Ezechias, e assim o faz o nosso soberano Rey. E porque? Porque hum, e outro Monarca agradecem a Deos a merce da faude, que milagrosamente alcançaraõ, e isto só o podiaõ fazer creando Cidades novas, que não tivessem outro fim, mais que o louvor de Deos. Tornemos a Ezechias. He muito de notar, que deste Rey

2. Paralip. 32.
21.

Rey de Israel diga o texto sagrado, que edificou para si as Cidades de novo: *Urbes edificavit sibi. Sibi?* Para si? Pois as Cidades não são para os vassallos? Sim. E os Reys habitam em todas as suas Cidades? Não. Logo como são particularmente para Ezechias as Cidades, que edificou depois de melhorar da enfermidade, e gratificar a Deus a saude recuperada? Por isso mesmo, e he o caso. Desejava Ezechias conservar sempre a saude, que Deus milagrosamente lhe restituira: *Domine, salvum me fac*: pela continuação desta felicidade promettia o Rey louvar a Deus perennemente, cantandolhe acções de graças todos os dias de sua vida, não em outra parte, mas no templo, ou na casa do Senhor, onde a coros se cantam quotidianamente os Psalmos: *Et psalmos nostros cantabimus cunctis diebus vitæ nostræ in domo Domini*. E como esta acção de graças em Ezechias era todo o seu empenho, por isso faz para si as Cidades: *Urbes edificavit sibi*, como se nellas quizera multiplicar os templos, e os coros para augmentar o louvor de Deus: *Et psalmos nostros cantabimus in domo Domini*.

Isto, que sómente foy desejo na piedade daquelle Rey de Israel, pois no seu Reyno não teve outro templo mais, que o de Jerusaleem, he, e ha de ser obra magnifica do nosso felicissimo Rey de Portugal nesta Cidade, em cuja creação não tem o seu zelo outro fim mais, que o louvor de Deus na Igreja Cathedral, que quer erigir: donde vem, que ElRey creou a Cidade por amor do templo, e não ennobrece, e exalta o templo a Sé por amor da Cidade. Assim o expressa o mesmo Soberano pelo Decreto,

Isai. 39. 20.

Ibidem.

Ezechias , quer perpetuar o louvor de Deos com devido culto na casa do Senhor : *Psalms nostros cantabimus in domo Domini*. Oh felicissimo Rey! cuja saude se assegura perduravel não menos que na palavra do mesmo Deos , quando vemos , que por esta causa se cria a Cidade pela Cathedral , em que o Senhor se louve : *Dominus dixit , quod saluum me faceret , & ideo psalms vestros psallemus omnibus diebus vitæ nostræ in domo Domini* , diz a versãõ Hebraica do mesmo texto. Pois , Senhor , se por esta causa vos devemos louvar , como he justo , que vos louvemos por tão importante , e publico beneficio , qual he a conservaçaõ de hum Rey tão estimavel , como o nosso : *Et ideo psallemus* , day prospera saude ao nosso Rey , prolongaylhe a vida. Elle vo lo pede devoto : *Domine , saluum me fac* , nós vo lo rogamos humildes : *Domine saluum fac Regem* : Ouvinos a todos , ó clementissimo Deos , nos dias , em que invocarmos a vossa piedade : *Exaudi nos in die , qua invocaverimus te* ; pois para que seja perpetua a vossa protecçaõ , todos os dias vos pediremos pela saude do nosso Rey Augusto : *Cunctis diebus* , e vos louvaremos quotidianamente por este commum beneficio , cantandovos por elle no Coro desta futura Cathedral os Psalms de David a coros : *Psalms nostros cantabimus cunctis diebus vitæ nostræ in domo Domini* , com tanta perfeiçaõ , reverencia , e culto , como persuade a piedade do nosso Soberano , que só porque ha de ser para vosso louvor a Igreja Cathedral , fez para si a Cidade Mariana : *Urbes edificavit sibi* , a qual he particularmente sua , porque singularmente vossa ,
para

Transl. ex Heb.
b. Sanct. Pagn.

Pfalm. 19. 10.

Ibid.

de Acção de graças. 19

para nella serdes louvado, e engrandecido para sempre: *Magnus Dominus, & laudabilis nimis in civitate Dei nostri.* Psalm. 47. 2.

Oh nobilissima, e novissima Cidade Mariana! Agora sim, que sabido o fim, para que te crias, que he o quotidiano, e perpetuo louvor de Deos na tua futura, e insigne Cathedral, já não me estranhará quem me ouvir canonizar a tua gloria, chamandote a primeira Cidade entre todas as de Portugal, e suas Conquistas. Es primeira, porque entre as povoaçoens do vasto dominio Lusitano não ha outra, que, como tu, se chame Mariana. Es nobilissima, porque na mysteriosa graduacão da tua fortuna te nobilitaõ as causas impulsiva, e final da tua exaltação. Es novissima, porque tendo havido muitas Cidades com o teu venturoso, e nel- las auspicado, nome, quaes foraõ Mariana, que era cabeça de Bispado na Ilha de Corsega, Marienbourg nos Paizes Baixos nos confins de Hainaut, e de Luxembourg, e outras mais em diferentes partes da Europa; tu es entre todas a mais moderna; mas ainda que ultima na existencia, ninguem te póde tirar a primazia para a estimação do Soberano, que te exalta sobre todas as que domina, como se fosses o esmalte da sua Coroa. E porque? Porque esta novamente engrandecida povoação he a Cidade Mariana, que se cria, e se levanta da Villa do Carmo das Minas do ouro; e não poderia ser esta a Cidade, de cuja exaltação nos gratulamos, se não lhe deffemos o elogio de primeira, e capital entre todas as da dominação Portugueza.

Caput tuum ut Carmelus. A tua cabeça (diz Cant. 7. 5.

Salamaõ) A tua cabeça, ó amada Esposa minha, he como o Carmo. Notavel, e escura comparação por certo! Não reparo em que o Carmo tenha perfeições para ser cifra da formosura da Esposa; porque o Carmo tem hoje, e ha de ter ao diante mais graças, do que muitos queriaõ, que tivesse. O que noto sómente, he, que no retrato da Esposa seja o Carmo a cabeça: *Caput tuum ut Carmelus*. Outras prendas corporaes da sua amada retratou o Esposo em diversos enigmas, como foraõ a garganta clara em huma torre de marfim: *Collum tuum sicut turris eburnea*, os olhos crystallinos nas transparentes fontes de huma Cidade: *Oculi tui sicut piscine in Hesebon*, e as mais em outros emblemas. Pois porque não serve outro para a cabeça, senaõ o Carmo? A razãõ he, porque assim como o Carmo he o monte mais alto entre todos os de Judea; assim he a cabeça da Esposa, e a mesma Esposa a mais eminente, e soberana entre todas as mulheres, que Salamaõ amou, e servio: *Sicut Carmelus (diz o A Lapide) eminet ceteris Judææ montibus; sic caput tuum, o sponsa, tuque ipsa emines ceteris fæminis*. Avantajase a Esposa de Salamaõ a todas as mulheres, he a mais exaltada, e gloriosa que todas; por isso he o Carmo o que representa a sua superioridade, quando lhe serve de semelhança para a parte mais superior do corpo, que he a cabeça: *Caput tuum ut Carmelus*. E com razãõ. He o Carmo o mais eminente dos montes da Syria na Pallestina, assim como a cabeça he a parte mais sublime entre as do corpo humano. Logo para explicar a soberania, e magestade da Esposa não havia figura mais ade-

Ibi. v. 4.

Ibidem.

A Lap. in Cant.
cap. 7. v. 5. in
Expos.

de Acção de graças. 21

adequada, que o Carmo; e não devia o Carmo ser idéa para outra perfeição corporal da Esposa, senão para a cabeça: *Caput tuum ut Carmelus.*

Entendido pois, que para symbolo da sua primazia, e preeminencia he cabeça da Esposa o Carmo; resta sómente sabermos, quem he a Esposa, da qual o Carmo he a sublime cabeça. E quem será? A que Salamaõ descreve ao pé da letra, diz o mesmo Rey sabio, que se chamava Sulamites, ou Sunamites: *Revertere Sulamitis: Convertere Sunamitis* lem os Setenta. No mesmo sentido literal af-

firmaõ Justo Orgelitano, e Adrichomio, que esta Esposa era Abisag Sunamites, que buscada para mulher de David, e ficando donzella por morte do mesmo Rey, se desposou Salamaõ com ella, e a fez Rainha. Esta he a Esposa natural, de que falla o texto. A allegorizada nelle, dizem Cassiodoro, Beda, Santo Anselmo, e outros Padres, he a Synagoga, ou o Reyno de Israel, cuja cabeça figurada no Carmo he Christo: *Per caput Synagoga* (diz A Lapide citando os Doutores referidos) *multi accipiunt Christum, qui instar Carmeli per gratiam altissimus est.* E eu com a mesma allegoria dif-

fera, que esta Esposa, se a entendemos não pela do Salamaõ humano, mas pela do divino Salamaõ, he hoje o Reyno de Portugal. E porque? Porque naquella amor, com que Deos tinha promettido amar sempre o Reyno de Israel: *Dilexerit Dominus Israel in sempiternum*, o qual os Israelitas perderaõ por suas culpas, naquella piedade immensa, com que o mesmo Deos fez a Israel seu povo: *Populum meum Israel*, e Reyno seu: *Et erit Domi-*

Cant. 6. 12.

Transl. ex Septuag.

Orgelit. hic. Adrichom. in descript. Terr. sanct.

Cassiodor.

Beda.

Div. Anselm.

A Lap. in Cant. cap. 7. & 5. in 1. sens.

3. Reg. 10. 9.

Ezech. 36. 12.

Abdiae 1. 21.

Ex juram. Al-
phonf. 1. Reg.
Lusit.
Ibidem.

no regnum, substituiu Christo aos Portuguezes, fazendo o Reyno de Portugal Imperio seu, e para si: *In te Imperium mihi*, e herdeiro da sua piedade, e do seu amor: *Et pietate dilectum*. Logo se o Reyno de Portugal he hoje o povo amado de Deos, e como tal representado na Esposa querida de Sallamaõ, e da Esposa he o Carmo figurativamente a cabeça: na mesma figura a cabeça, e a capital da Lusitania, e dos seus Dominios he, e devia ser o Carmo, ou a Cidade, que no Carmo se cria, primeira, e mais sublime que todas, bem como he mais alta, e mais nobre entre todas as partes do corpo a cabeça: *Caput tuum ut Carmelus*.

Bem está; mas que Carmo será este? O de que falla o texto, he hum elevado monte de Fenicia: o de que nós fallamos, he este Carmo das Minas do ouro pertencentes a Portugal. Em todos os Dominios da Lusitania na ha outro Carmo, que seja Cidade, como o nosso; nem ha outra Cidade nas Minas, e menos com o nome de Mariana, como esta. Cidade Mariana em Minas já houve huma antes da nossa, e foy em Alemanha na Saxonia alta, chamada em Alemaõ Marienberg, em Latim *Maria berga*. Está situada em humas montanhas, onde ha muitas minas de diversos metaes, o que deo occasiaõ a Henrique Duque de Saxonia para crear alli a dita Cidade no anno de Christo 1519. Oh que sómente nas Minas, parece, que assentava bem a creação da Cidade Mariana! Mas não em quaesquer, senão nestas Minas do ouro sujeitas a El-Rey de Portugal; e em todas as Minas no Carmo, para que a Cidade no Carmo fosse a primeira,

Moreri ubi supra.

de Acção de graças. 23

ou capital como cabeça da Lusitania, figurada na Esposa querida de Christo, como Reyno seu: *In te Imperium mihi: Caput tuum ut Carmelus.*

Cousa he muito digna de reparo, que sendo o Carmo figura da cabeça da Esposa, seja a cabeça do Esposo de ouro: *Caput ejus aurum optimum.* Pois de ouro: *Aurum*? E porque não de outro metal? Já na estatua de Nabuco era de ouro a cabeça: *Hujus statuæ caput ex auro optimo erat.* Não sey o que tem isto da cabeça com o ouro; que se não tendes ouro, não tendes cabeça, por mais que tenhais o juizo em seu lugar. O ouro não ha duvida, que faz dar cabeçadas a muitos: a outros dalhes na cabeça; mas a outros tambem lhes dá cabeça o ouro. Quantas estatuas vemos com as cabeças vans? Quantas cabeças ocas, como as da estatua, as quaes se tem alguma cousa massiça, he só o material? Mas porque tem ouro, tem cabeça, e são grandes cabeças. Quantas figuras, que em outras partes nunca o forão, nem o seriaõ, mas aqui, porque tem a cabeça de ouro, fazem a primeira figura. Em fim depois que pelo toque do ouro deraõ os homens em fazer o ensayo das cabeças, ou a prova dos juizos, he o mundo taõ desgraçado, que só tem cabeça quem tem ouro: só onde o ouro faz cabeça, ha juizo, e entendimento. Porém deixando o moral do texto, e tornando ao allegorico; qual será a razaõ, porque he de ouro a cabeça do Esposo? He porque a cabeça da Esposa he o Carmo; e era necessaria esta correspondencia de partes entre a Esposa, e o Esposo na perfeição da figura para o mysterio do figurado. Ora vede.

Cant. 5. 11.

Daniel. 2. 32.

Une

Ephes. 5. 31.

Joan. 6. 57.

Cant. 7. 5.

Une o amor os esposos com taõ estreito laço, que ainda que se distinguem no formal, no material naõ se distinguem: nas almas saõ dous; no corpo taõ hum só: *Erunt duo in carne una*. Pertence ao esposo tudo o que he da esposa, pertence á esposa tudo o que he do esposo; porque a uniaõ sacramental os identifica, e faz hum só de dous: *Erunt duo in carne una*. Isto naõ só o diz S. Paulo do sacramento do Matrimonio; tambem o affirma Christo do sacramento da Eucharistia: *In me manet, & ego in illo*. E como por força deste vinculo aquella parte superior do corpo do Esposo he da Esposa sendo a cabeça do Esposo o Carmo, devia ser a cabeça do Esposo de ouro, para que (identificado, ou unido o ouro, e o Carmo) se visse que este Carmo das Minas do ouro, figurado, ou expresso na cabeça da Esposa (a qual, como temos dito, representa a Portugal) havia de ser a capital do nosso Reyno, e a mais estimada do nosso Augusto Soberano, como coroa da Regia dominação Lusitana. Eu naõ me atrevera a dizer tanto, se antes que eu o naõ dissera, ou naõ me dera fundamento para o dizer, a energia da figura, que vamos explicando, e proseguindo. Diz assim, para dizer tudo ainda melhor, do que eu o digo. *Caput tuum ut Carmelus: & comæ capitis sicut purpura Regis vineta canalibus*. Esta Esposa, de quem fallo, (diz Salamaõ) cu este Reyno de Portugal, que annuncio amado de Deos, esta Monarquia, da qual ha de ser o Carmo a capital, a cabeça, ou a primeira na estimação do Rey, que o exalta a Cidade, será taõ formosa (tendo o Carmo por coroa) que o ornato, e compostura natural da mesma

de Acção de graças. 25

mesma cabeça ha de ser, e já he, como a purpura do mesmo Rey atada, ou preza em canaes de agua. Notavel dizer! E taõ notavel, que não ha comparação, que pareça mais impropria, e difficil, que esta; mas bem entendida, está taõ facil, e natural para o Carmo, que habitamos, que nenhuma outra lhe poderia vir taõ propria. Ou se não vede, ou adverti no que estais vendo todos os dias. Está o nosso Carmo cheyo de canaes de agua, e alguns mais parecem lagoas por lhes faltar a corrente, que canaes, por onde a agua corre. Em huma parte corre o Ribeirão do Carmo pela rua principal da sua antiga povoação: em outra, ou em outras pára a torrente de tres corregos, que deixando de ser (como podiaõ) crystallino adorno da sua perfeição, para que servindolhe na sua infancia, ou creação nova de candidas, e festivaes mantilhas, se admirasse esta Cidade *Faixada toda em cingulos de prata*, são laços de liquido aljofar, que a affogão ao nascer. Mas estas mesmas prizoens de crystal, que lhe lavravaõ o tumulo, fazem taõ primeira, e taõ exaltada a Cidade no Carmo, que a unem, ou a prendem á purpura do mesmo Rey no emblema da sua exaltação: *Comæ capitis tui sicut purpura Regis*; para que mostre, que ou o mesmo Soverano a preza tanto, como a sua Regia purpura: *Sicut purpura Regis*, ou que ella por si se faz taõ apreciavel, que fabricando das aguas claras dos seus regatos lustrosas fitas de prata, com ellas faz o mais vistoso adorno de purpura Real: *Sicut purpura Regis vinc̃ta canalibus: Sicut purpura Regis funiculis byssinis canalibus alligatis*, comenta o A Lapid.

Oh famosa Cidade, que sendo até agora

D

leal

Barret. Vid. do
Evangelist. 6o.
81.

A Lapid. in
eumd. text.

Transl. ex Hebr.
S. Pagnin.

leal pela fidelidade, e obediencia, que sempre guardaste ao teu Augusto Soberano, e natural Senhor, agora pela magnifica beneficencia do mesmo Rey tambem es Real, para ser a mais sublime entre todas. Tu lhe adornas a purpura; e levantada sobre todas pelo seu Regio agrado, es o purpureo matiz, com que se esmaltaõ as gloriosas Quinas de Portugal, quando todas as Cidades deste Reyno amado de Christo te veneraõ, ainda que mais moderna que todas, por capital, ou cabeça sua: *Caput tuum ut Carmelus: Caput tuum* (lê o texto Hebraico) *caput tuum super te veluti coccinum, & come capitis tui sicut purpura.* E se na tua creação, ou infancia trajas tanta, e taõ Regia purpura, como naõ havias de create Cidade Real? Esta tua innata regalia deve ser a occulta razaõ, que teve o nosso Serenissimo Rey para te exaltar de seu moto proprio, creandote Regia Cidade sua, ou Cidade só para si: *Urbes ædificavit sibi.* As mais Cidades da Lusitania, e seus Dominios saõ para esplendor do Reyno; tu para magnificencia do Rey. Se já naõ he, que como havias de ser capital entre todas, quiz o Rey darte em quanto a si os mesmos privilegios, que deo Christo a todo o Reyno Portuguez. Este Reyno fundou-o Christo para si: *In te imperium mihi*; e para si creou ElRey esta Cidade: *Ædificavit sibi.* A Cidade para o Rey, para que como cabeça tivesse a grandeza concedida por Christo ao mais corpo do Reyno: o Reyno para Christo, para que todo o corpo mystico do Reyno de Portugal podesse condizer com a cabeça, que he o Monarca, todo zeloso, e desvelado

de Acção de graças. 27

lado no culto divino. Sim; porque o Reyno só foy instituido por Christo para honra de Deos, e exaltação do seu santissimo nome: *Ut deferatur nomen meum ad exterarum gentes*; e a Cidade só foy creada por ElRey para louvor do mesmo Deos, e perpetuo culto de sua divina Magestade: *Psalms nostros cantabimus omnibus diebus vite nostrae in domo Domini.*

Ex juram. Alph
I. Reg. Portug.

Isai. supra.

E á vista de tantas soberanias quem deixará de chamarte, ó Cidade do Carmo, a primeira, e mais excelsa que todas? Mas isto não he só discurso meu. Outro juizo de mais quilates, e de mais pezo, que o ouro das Minas, definiu a nossa Cidade nesta grandeza, que Sua Magestade lhe deo, dizendo: „ Que pelo catholico, e Real animo do nosso Soberano seria o Ribeirão do Carmo huma „ pequena Curia, huma nova Roma. Assim o esperamos vêr pela Augusta munificencia de Sua Magestade. E porque? Porque saiba todo o mundo, que a Cidade no Carmo de Portugal he tão sublime, e superior a todas, como se de todas fosse a cabeça: *Caput tuum ut Carmelus.* Da cabeça do mundo, que he Roma, canta o Rhytmo Ecclesiastico, que leva na sua formosura vantagens a todas as Cidades do Orbe: *Excellis orbis una pulchritudines.* E que se dirá de ti, ó Cidade Mariana? Dirse-ha (quando te discorrem outra nova Curia) que a tua gloria pelo nome, que te illustra, ainda he mayor, que a de Roma no antigo tempo dos seus lustres:

O Excellentissimo General
Gomes Freire
de Andrada.

Eccles. in
Hymn. Ss. Petri.
& Paul. ad
prim. Vesp.

*Magna fuit quondam Romani gloria civis ;
Nunc maior fuerit , si Marianus erit.*

Jacob. Masen.
apud Picinel.
Mund. symbol.
tom. 2. lib. 16.
cap. 4. n. 30.

De sorte que ou sejas Mariana recém nascida, e logo humilhada em taõ pequena povoação, ou sejas Carmo em tanta decadencia, como a em que te vêr arruinada, sempre serás primeira, e unica, exaltando-te, ou renascendo Fenix das mesmas ruinas, em que acabavas, ou já pelo lugar, como diz o Carmo nos seus mysteriosos enigmas, que temos decifrado, ou já pelo que se cifra no teu glorioso nome de Mariana, como veremos agora.

Grandes duvidas tem excitado os curiosos a respeito do nome da nossa Cidade: huns querem, que se intitule Cidade de Mariana; outros, que se chame Cidade Mariana. Os primeiros tem para si, que ElRey lhe deo o nome de Mariana em attenção a algumas pessoas da Casa Real Portugueza, que tem o mesmo glorioso nome, como faõ a nossa Augustissima Rainha, e a Serenissima Princeza do Brasil. Os segundos entendem, que o nosso Soberano denominou a esta Cidade Mariana em honra de Maria Santissima. E supposto, que a questaõ, por ser de nome, pareça ter pouca entidade, com tudo, por ser da essencia do nosso assumpto, a devemos decidir.

Digo pois, que esta Cidade tem o nome de Mariana por obsequio, e devido tributo de Maria sempre Virgem; e assim, que não se deve chamar, nem escrever Cidade de Mariana, como alguns fazem; nem Mariana sómente, como praticaõ outros, mas Cidade Mariana; porque só assim se denomina

Cida-

de Acção de graças. 29

Cidade de Maria, Mãe de Deos, que he o que quer dizer Cidade Mariana. Para o dizer deste modo, tenho grande authoridade em hum exemplo. No Reyno de Polonia, diz Moreri referindo a Cromer, e Cellario, ha huma Cidade, que he cabeça da Prussia Real com o nome de Mariana, a que os Prussianos chamaõ *Mariembourg*, e os Latinos *Marienburgum*, isto he, Castello, ou Cidade de Maria. Ella foy a primeira Sé, ou residencia dos Cavalleiros da Ordem Theutonica, os quaes foraõ os seus fundadores, e lhe deraõ o nome em consideração, ou memoria de huma imagem miraculosa de nossa Senhora, que alli se venera. De maneira, que se Cidade Mariana quer dizer Cidade de Maria Serenissima; a nossa Cidade por força do seu excelso nome tambem devia ser a primeira, e mais illustre, que temos, ainda que creada entre as ruinas da Villa do Carmo. Na Mariembourg da Prussia, porque havia huma imagem de nossa Senhora, ficou de Maria a Cidade: na Cidade Mariana das Minas com dobrado titulo deve ser da Mãe de Deos a povoação, porque saõ duas as imagens, que adoramos da sempre Virgem; huma da Senhora do Carmo, outra da Senhora da Conceição. A Conceição he Padroeira da Igreja Matriz; o Carmo he Padroeiro da Cidade; e por ambos estes titulos se exalta a nossa Cidade dos mesmos estragos, em que se acabava a Villa. No Carmo já vimos esta portentosa exaltação da Cidade Mariana; vejamos agora este privilegio da sua primazia na Conceição.

Sub arbore malo suscitavi te: ibi corrupta est mater tua, ibi volata est genitrix tua. Deba-

Crom. in Hist. Polon. Cellar. in discript. Polon. apud Morer. in suo Diction. lit. M.

Cant. 8. 5.

xo daquella arvore, por cujo fruto cahio o genero humano na primeira culpa, te levantei eu, ó amada minha. Alli se vio tua mãy corrompida do peccado; alli se achou violada Heva nas ruinas do seu appetite; mas dos mesmos estragos da natureza, da mesma corrupçãõ do vicio tu ficaste taõ izenta, e foste taõ privilegiada, que o que para as mais creaturas foy queda, foy para ti exaltaçãõ: *Sub arbo-re malo suscitavi te.* Este texto, que no sentido principal dos Epithalamios sagrados se entende de Christo Senhor nosso, e de sua Mãy Santissima, o interpreta o A Lapide da Conceiçãõ da mesma Senhora. Foy Maria concebida depois da ruina do peccado; mas como a graça, e o privilegio, que Deos lhe deo, a tinha preservado da culpa, a Senhora se levantou, quando os mais cahiraõ. Ella não cahio, porque existindo na mente de Deos, antes que Adaõ peccasse, foy Maria pela graça primeiro filha de Deos, que descendente de Heva pela natureza. E esta he a razãõ, porque concebendose a sempre Virgem no ultimo seculo da creaçãõ do mundo, e depois de geradas quasi innumeraveis creaturas humanas, a Mãy de Deos se chama a primogenita, e a primeira entre todas: *Ego ex ore Altissimi prodivi primogenita ante omnem creaturam.* Tal foy o indulto da Conceiçãõ Mariana. Este he o mysterio immaculado, que adora por Orago a nossa Igreja, para que nelle tivesse origem o privilegio, com que se exalta a Cidade Mariana. Esta exaltada por graça especial do Rey da terra de entre os estragos, em que se inundava a Villa: aquella por graça do Rey do Ceo izenta das ruinas do peccado, em que nau-

A Lap. hic, &
apud illum D.
August.

Ecclesiastic. 24.
5.

de Acção de graças. 31

nafragava o mundo: *Sub arbore malo suscitavi te:* a Cidade, por ser Mariana, primeira para o agrado d'ElRey, ainda que ultima na creação; a Conceição de Maria, ainda que obrada no ultimo seculo do mundo creado, sempre primeira para o beneplacito de Deos: *Ex ore Altissimi prodivi primogenita.*

Temos provado abundantemente a exaltação da Cidade Mariana das ruinas do Carmo nas presentes circumstancias, em que applaudimos tantas venturas; pois tudo, o que temos ponderado, parecem vivas imagens deste triunfo. Como porém nesta materia só o que superabunda, he o que basta; confirmem-nos o assumpto o Evangelho, e o Sacramento, o qual tambem tem este prodigioso enigma para a nova Cidade do Carmo, ou do Carmelo, que he o mesmo. *Carmelo* em anagrama rigoroso he *Caro, Mel*; e isto he o Santissimo Sacramento do Altar. He mel, que gozado da mystica pedra Christo, fortalece o espirito para as obras da virtude: *Sugeret mel de petra*: he carne do mesmo Redemptor, com a qual nos alimenta para a vida eterna: *Caro mea vere est cibus*. Neste novo Carmo do Sacramento está Christo taõ magestoso, que só naquelle nevado monte, naquella Cidade elevada parece, que tem magestade, e magnificencia, segundo alguns Padres, que allegorizaõ deste Sacramento aquelle texto de Isaias, que diz: *Solummodo ibi magnificus est Dominus noster*. Mas donde tanta exaltação, e tanta gloria ao novo Carmelo Eucharistico? Do corpo de Christo arruinado na Cruz, para pôr o fructo da Cruz, e a sustancia do corpo no Sacramento. Arruinou-se, def-

Deuter. 32. 13.

Joan. 6. 56.

Isai. 33. 21.

def-

Matth. 26. 61.

Joan. 2. 21.

Psalm. 117. 22.

Ibidem.

Joan. 2. 19.

Thren. I. I.

destruiose (esta he a energia das palavras , com que Christo nos explica a violencia da sua morte) ar-ruinou-se , destruiu-se aquelle corpo sacrosanto : *Possum destruere templum hoc : dicebat de templo corporis sui.* Desprezou-se esta mystica pedra , que havia de ser , como foy , o fundamento da Igreja Catholica : *Lapidem , quem reprobaverunt edificantes.* E que succedeo a essa pedra reprovada , e a esse templo , ou a esse corpo destruido ? Que havia de succeder ? A pedra , que não se queria para alicerce , foy a cabeça , ou a coroa da obra : *Hic factus est in caput anguli ;* e o corpo , que jazia entre as ruinas da morte , se reedificou , e se exaltou para ser adorado vivo , não só na gloria , mas naquelle Augusto mysterio do Altar : *Excitabo illud.* E se isto succede naquelle altissimo Carmelo do Sacramento , onde vão as maravilhas de monte a monte ; porque não succederá o mesmo neste Carmo , que tambem he hoje hum monte de maravilhas ? Ora concluamos a empreza com o Evangelho.

Grandes estragos ameaçaraõ aos divinos peregrinos , de que trata S. Mattheus no Evangelho presente. O Menino JESUS esteve em termos de perder a vida , pois para o perder , e a nós todos com elle , pertendeo Herodes darlhe a morte. Se morresse Christo na perseguição Herodiana , ficava viuva Maria Santissima , e aquella Rainha soberana , que he no Ceo hum abyssmo de luzes , seria na terra huma Cidade solitaria : *Sedet sola civitas.* Faltaria a S. Jozé toda a sua consolação , perdida a alegria da casta Esposa , a vida do Menino , e a eterna faude dos homens. Para atalhar taõ deploravel ruina foy

de Acção de graças. 33

foy necessária huma nova, e penosa calamidade, que foy o desterro. Desterraraõse em fim para o Egypto os peregrinos celestes; e quando podiaõ temer, que o desterro fosse a ultima decadencia da sua felicidade, esta foy a causa de nova gloria para todos. Para Jozé; porque as estimaçoens na companhia de JESUS, e de Maria se lhe augmentavaõ ao mesmo passo, que se lhe dilatava o prazer. Para Maria, porque o divino Filho, que intentou a barbaridade tirarlhe dos braços, achou flamante folio no regaço da Virgem. Para JESUS, porque o Menino tenro, que estava ameaçado a ser innocente victima nos altares da tyrannia, fez cahir dos altares da idolatria para se ajoelharem a seus pés os idolos do Egypto: *Ecce Dominus ascendet super nubem levem, & ingreditur Ægyptum, & commovebuntur simulacra Ægypti à facie ejus.* Pasmoso caso! E se este he o sagrado exemplo, a que cantamos hoje a exaltação da Cidade Mariana: como o seu estrago não havia de parar em augmento, a sua ruina em esplendor; da mesma sorte que succedeo no Evangelho a JESUS, a Maria, e a Jozé por patrocínio do Anjo, a quem hoje veneramos: *Angelus Domini apparuit in somnis Jofeph, dicens: Surge, & accipe Puerum, & Matrem ejus?*

Esta he, ó Cidade Mariana, a tua primazia; esta, ó Cidadãos Marianos, a vossa felicidade; esta, ó illustre Senado, a preeminencia, que hoje com taõ duplicados motivos nos obriga a dar graças a Deos com tantas circumstancias de alegria, como temos ponderado neste informe discurso. Até

E

para

para complemento cabal do teu jubilo, tiveste, ó nobilissimo Senado, hum Jozé por Presidente, e coroa dos teus acertos, que com o patrocínio, e assistencia do Anjo, que veneras, te guardasse para te ver na exaltação, em que te vês, não digo sonhada, porque he verdadeira; mas tão repentina, que a ti te não passou pelo sentido, só se foy em algum fantasia do sono: *In somnis Joseph, dicens: Surge.* Nos auspicios deste nome parece, que tinhas decifrado o teu augmento: *Augmentum non dubitas interpretari: Filius accrescens Joseph.* Cresce pois nos teus lustres, mede a tua exaltação pela vara de Jozé, pois della, como de tão bom ramo, não podem deixar de ser fruto estas honras, em que te augmentas: *Ut ramus crescens Joseph* lê o texto Hebraico; e ainda te augmentarás mais, se á sombra benigna de tal arvore tomares por norma para os teus acertos o exemplo das suas virtudes. Ellas te confirmarão na mayor nobreza, que hoje consegues, pois entre todos os desta Provincia, tendo os mais das Villas, tu como primeiro, es da Cidade. E se todos queremos gratificar a Deos esta exaltação, desempenhemos nós o nome, ou a denominação, que tem de novo esta terra. Para explicar o nome de Cidade tem os Grammaticos dous termos, hum he *Urbs*, outro *Civitas*; mas ainda que ambos significão o mesmo, tem no significado tanta differença, que o primeiro exprime a Cidade em quanto ao material dos edificios; o segundo em quanto ao formal dos seus habitadores: *Civitas* (diz Cicero) *Civitas, & urbs in hoc differunt, quod incolae dicuntur civi-*

Div. Bernard.
Homil. 2. super
Missus,
prope fin.

Genes. 49. 27.

Transl. ex Hebr.
S. Pagnini.

Cicer. 4. Aca-
dem.

de Acção de graças. 35

civitas, urbs verò complectitur ædificia. Se pois o Carmo se chama Urbe, talvez para presagio de que será maravilha do Orbe, sejamos nós a Cidade, porque assim nos mostremos edificados em huma união de amor fraternal, donde proceda o vinculo das mais virtudes, que nos fação dignos habitantes da Cidade Mariana, e do patrocínio de Maria Sereníssima, que tanto tem tomado á sua conta a conservação, e augmento deste povo, que até pela sua denominação antiga sempre foy da Senhora do Carmo. Esta paz, e concordia, que huma Cidade significa, he talvez o de que mais necessitava esta terra; por isso ElRey a fez Cidade: e se nós o conseguimos no desempenho das nossas acçoens, bem nos podemos dar os parabens huns aos outros; pois temos conseguido o mayor bem, que podiamos desejar temporal, e espiritalmente. Congratulai-vos, pois, ó novos, e venturosos Cidadãos Marianos, em alegres jubilos; pois he justo, que se exalte com applauso de toda a terra a Cidade, que cria hum Rey taõ poderoso, como o de Portugal, e para louvor de outro Rey taõ omnipotente, como he o da terra, e do Ceo: *Fundatur exultatione universæ terræ :: Civitas Regis magni.* Seja perenne o prazer, como em Cidade de Deos, sem o receyo de se perder já mais o contentamento; porque se algum dia faltou, e nos tiraraõ a alegria do Carmo: *Auferetur letitia, & exultatio de Carmelo,* hoje se lhe restitue o gosto, e a gloria, quando o Carmo com a nova investidura de Cidade se exalta hum vistoso Libano com os candores de tanta gala: *Exultabit letabun-*

Psal. 47. 3.

Isai. 16. 10.

Idem. cap. 35.
2.

Eccles. in Mat.
Offic. Assumpt.
B. Mar. Antiph.
3.2. Noct.

Ead. in Mat.
Offic. S. Ang.
Cust. Antiph.
1.3. Noct.

Ibid. Antiph. 5.
ad Vesper.

Ibid. Antiph. 2.
2. Noct.

tabunda, & laudans : Gloria Libani data est ei : Decor Carmeli. Nem he muito, que assim succeda, quando o Carmo se levanta Mariana Cidade; pois em Maria Serenissima, como em Cidade de paz, e perpetuo gozo, todos se alegraõ, e ficaõ cheyos de suave contentamento: *Sicut letantium omnium nostrum habitatio est in te, sancta Dei genitrix.* E vós, Senhor poderoso, e amante, que hoje nos déstes hum Anjo para Nuncio feliz de tantas venturas: *Angelus Domini apparuit : hum Anjo, que com faustas noticias nos assegura livrarnos de muitas, e fortes tribulaçoens, que por todas as partes nos cercavaõ : Immisit Angelus Domini in circuitu timentium eum, & de multis tribulationibus eripuit eos : hum Anjo, que com amor, e poder conforta, e guarda as portas, e as casas desta, que he vossa, e nossa Cidade : Confortavit Dominus seras portarum civitatis suæ, & posuit Angelum ad pacem, & custodiam in finibus ejus :* concedei permanente a esta nossa Cidade a custodia do mesmo Anjo santo, e inexpugnavel: *Mitte nobis, Domine, auxilium Angelicum de sancto, & de Sion tuere civitatem nostram,* para que guardando-nos em paz, conservando nos em uniaõ, como a Cidaõs vossos, vivamos sempre taõ obedientes á vossa ley, taõ subordinados a vossos divinos preceitos, que possais receber como a vossos filhos na gloria aquelles mesmos, que agora nesta nova Cidade Mariana tomaõ a vosso unigenito Filho, e a sua Mãy Santissima por timbre da exaltaçaõ, a que hoje com a vossa graça se levantaõ: *Surge, & accipe Puerum, & Matrem ejus.* Amen.

L A U S D E O.